

## ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA ROSELLE FERNANDES TORRES

### HELENA MAFFEI CRUZ

*Socióloga, psicóloga,  
terapeuta familiar, mestre em  
psicologia clínica, sócia  
fundadora e docente do  
Instituto Familia*

Neste número, *Nova Perspectiva Sistêmica* entrevista a psicóloga Roselle Fernandes Torres, professora universitária em Minas Gerais que vem realizando, com suas alunas, experiências de aprendizado da prática como teoria em ação. Especificamente, buscando alternativas que favorecem o delicado encontro com a diferença no trabalho com pessoas com transtornos graves do desenvolvimento, dando oportunidade aos alunos de conhecer a experiência da família, ampliando sua capacidade de aprender com o cliente.

*Helena Maffei Cruz (NPS) – Em que universidade, curso, disciplina você dá aulas? Há quanto tempo?*

Roselle Fernandes Torres (RFT) – Ministro aulas no Centro Universitário de Itajubá – Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (FEPI) desde que foi aberto o Curso de Psicologia, em 1999. Ministro as disciplinas: Psicologia do Desenvolvimento I, II e III (1º, 2º e 3º períodos respectivamente) e Necessidades Especiais I e II (5º e 8º períodos). Sou também supervisora nos estágios: Observação de Bebês (3º e 4º períodos) e Inclusão (9º e 10º períodos) e Psicodiagnóstico (5º e 6º períodos).

*NPS – Qual o interesse dos alunos pela disciplina de Necessidades Especiais? O tema das deficiências, transtornos, enfim das diferenças no modo de aprender e se relacionar traz dificuldades específicas para os alunos? Quais?*

RFT – Eles se mostram curiosos sobre o conteúdo desta disciplina. Percebo que esperam teoria! Quando proponho leituras de reflexão “mobilizadoras”, se surpreendem! É geral o receio da possibilidade de contato com pessoas com deficiência em estágios, e a justificativa de “inexperiência” não se aplica, pois o aluno é, via de regra, inexperiente em todas as práticas da futura profissão. É fato, também, que poucos alunos viveram algum contato mais próximo com pessoas com deficiência em suas famílias, entre amigos ou mesmo na educação infantil.

Eu tenho percebido que atitudes de mais preconceito, piedade, expressões de medo, susto e estranheza frente à possibilidade de algum contato com pessoas com deficiência, ocorreram antes dessa grade proposta a partir de 2009 (com 2 aulas semanais no 5º período e 3 aulas semanais no 8º período, para favorecer mais prática). Entendi como resistências o desinteresse nos temas, as provas com pouco conteúdo... enfim, atitudes diferentes das observadas na disciplina ministrada nos 1º, 2º e 3º períodos (Psicologia do Desenvolvimento). Porém, ao fim do semestre, os alunos admitiam a dificuldade e reconheciam a necessidade de maior proximidade com as pessoas com deficiência para melhor compreendê-las. Atualmente, percebo maior motivação, mais envolvimento, responsabilidade e feedbacks de maior aprendizado.

Um fato que certamente contribuiu para o interesse na disciplina de Necessidades Especiais I e II foi que, em nosso quadro de docentes, temos uma professora

com deficiência física – cadeirante – que se tornou coordenadora nos últimos 4 anos, até 2012. Esta convivência, sem dúvida, transformou a todos.

É oportuno comentar que, até 2009, nas práticas de aula, elaboramos e confeccionamos folders, cartilha (os primeiros lançados em Seminário em parceria com a Prefeitura). Fizemos visita na APAE de Itajubá ou em outra Instituição. E, nos projetos de estágio de Inclusão, desde 2004, foram realizados trabalhos de conscientização em empresas, escolas e instituições; um evento foi realizado em parceria com sindicato de empresas; foi desenvolvida uma adaptação de material do nosso curso para um aluno cego – testes psicológicos com instruções em braile, desenhos em alto relevo, programas para computador e tutoria em escola.

Outro esclarecimento relevante refere-se a essa grade curricular iniciada em 2009, a qual possibilitou redistribuir a apresentação dos conteúdos anteriores e organizá-los de forma a possibilitar gradualmente um maior contato com as pessoas com deficiência. No 5º período, ocorre uma “contextualização” com o objetivo especial de mobilizar e sensibilizar para o diferente e dentre vários temas como conceitos básicos, influência do social, pessoa com deficiência e sua sexualidade, vemos também sobre família e aqui entra o livro, *Marcela...: uma lição de vida*, escrito por sua mãe, Myrza Nebó e Jambor.

No 8º período, buscamos ferramentas e oportunidades de algum convívio com as pessoas com deficiência. Há uma mescla de teoria e prática. O livro deste período mostra outra faceta do contexto: *Vida Revirada: o acontecer humano diante da deficiência adquirida na fase adulta* (2010), escrito por Ângela Maria Teixeira, a coordenadora de curso que mencionei anteriormente.

Penso que parte da mídia colabora conosco neste processo de abertura para o diferente e acredito que nossa prática aqui vem acompanhando concepções hoje mais humanizadas em todas as áreas de atuação.

*NPS – O livro de Myrza é um relato tocante de sua história como mãe de um bebê “que nas consultas mensais com o pediatra nunca saía satisfeita, sentia que alguma coisa não ia bem”; conta o dolorido caminho pelos diversos médicos e inúmeros tipos de atendimento especializado e o medo diante de comportamentos difíceis de compreender. Relata as lutas, o trabalho, os momentos de medo e também os de esperança. É “uma lição de vida” também para quem lê. Não é um livro científico. Como foi que você chegou a esse livro e como chegou a propor a leitura para os alunos desse texto não escrito por profissional da área?*

RFT – Minha trajetória pessoal e de formação fazem parte da minha prática atual. No meu curso de psicologia, na disciplina Psicologia do Excepcional, tínhamos estágio em APAE. E dentre muitas referências, me lembro de ter adquirido alguns livros. Penso que todos nos mobilizamos com as histórias em primeira pessoa, do impacto sobre as famílias, em geral e sobre a mãe, em particular com a experiência de um filho eu não se desenvolve como o esperado.

Como professora, anos depois, achei esses livros um tanto “antigos”. Revendo o material do meu mestrado no Mackenzie (Distúrbios de desenvolvimento – concluído em janeiro de 2004) cheguei ao livro: li e achei importantíssimo! Introduzi sua leitura como complementar da disciplina desde então.

O tema FAMÍLIA tem sido discutido a partir desta leitura: os sentimentos e caminhos percorridos pela família. É mais uma maneira de aproximar os alunos da experiência, além dos filmes.

Quando encontrei o segundo livro: “Transformação”, foi outra felicidade... Como estaria Marcela? Era a pergunta dos alunos também! E então veio, com este, a resposta sobre a continuidade. E passou a ser indicado junto ao primeiro.

5 – *Como foi à recepção dos alunos?*

Eles se emocionam, se chocam, se mobilizam diante do sofrimento, da força e luta!

NPS – *Que reflexões você faz sobre o impacto desse contato com a experiência em 1ª pessoa de uma mãe e da família com um bebê diferente do esperado?*

RFT – Foi exatamente isso que busquei – a 1ª pessoa, a experiência de ter um filho diferente, os sentimentos ambivalentes e diversos, dito por elas.

NPS – *Como surgiu o interesse da turma em conhecer o Centro Movimento,\* que Marcela frequenta desde os 10 meses até hoje com 22 anos?*

RFT – A aluna Ana Laura Ribeiro Bernal, do 5º período, uma jovem observadora, de poucas palavras... cursando a disciplina e tendo lido o livro, passeando pelo Facebook, encontrou Myrza e iniciou o contato. Contou sobre a utilização dos livros na disciplina.... e Myrza ficou surpresa. Ficamos nós também surpresos, pois não nos passou a ideia de sermos os únicos a ter o livro enriquecendo o tema!

A aluna compartilhou comigo esse contato e logicamente a estimei a prosseguir e “sondar”. Mas foi Myrza quem fez o convite para conhecermos o Centro. Não precisou falar 2 vezes, sem titubear aceitamos, “uai”! Que honra tal convite!

NPS – *Quais as repercussões da visita e das apresentações que vocês ouviram tanto de profissionais do Centro como da autora do livro?*

RFT – Essas repercussões estão em processo! De imediato ficaram encantados com a simplicidade e a praticidade do ambiente e das pessoas! O livro revela uma boa situação socioeconômica da família de Myrza e tal fato foi apontado como crucial para a obtenção de cuidados de qualidade! E acredito que os alunos mesclaram “condições financeiras com qualidade e com sofisticação”! Ao se depararem com o espaço similar a uma residência, se surpreenderam e admiraram! O que se potencializou com as apresentações e experiências ouvidas!

NPS – *Que articulações teoria-prática essa metodologia trouxe para a sua prática docente?*

RFT – Essa experiência está sendo minha realização, pois vem ao encontro da concepção de que teoria e prática não se desvinculam! No mestrado vi muitos colegas jovens sem qualquer experiência e outros já bem experientes – os últimos foram os primeiros!

Minha prática sempre foi *agir* sem mesmo saber bem como! Quando tinha a teoria procurava a prática e quando tinha a prática procurava a teoria.

NPS – *Você pretende repetir essa experiência com outras turmas?*

O sonho continua!... gostaria imensamente de, em 2014, retornar ao Centro para o 2º Workshop! Que tal? E assim sucessivamente no que depender de mim!

\* Centro de Convivência Movimento: local especializado no atendimento de pessoas com transtornos do desenvolvimento: Rua João Pais, 159 – Brooklin, São Paulo, SP – tel. (11) 55335710.

Estive com Roselle no workshop no Centro de Convivência Movimento na parte da tarde. Quando fomos tomar lanche junto com os usuários vivemos a experiência da estranheza ao sermos abordados com perguntas não usuais, como o rapaz que segurou as minhas mãos e perguntou:

– Casa comigo? (Essa foi fácil, pois a resposta era verdadeira e não requeria “consultas a como conversar com quem tem comportamentos sociais que não conhecemos”.) Respondi que já sou casada, mas o alívio só veio porque a resposta funcionou.

Na volta para a última rodada de reflexões, uma aluna falou o que confirma a necessidade de nos expormos às situações de vida das pessoas com quem vamos eventualmente trabalhar fora dos ambientes controlados das práticas terapêuticas.

Ela descreveu a estranheza, algum receio da aproximação dos jovens e finalizou: “Com a Marcela foi diferente porque a gente já a conhecia.”

Nesse momento pensei que eu queria ouvir a história dessa visita e divulgar na *Nova Perspectiva Sistêmica* sua experiência de propor que, em nossas práticas de ajuda, sejamos psicólogo e cliente, (uma pessoa, uma família ou um grupo), parceiros com saberes diferentes que aprendem um com o outro.

Muito obrigada.

**Helena Maffei Cruz**

Essa entrevista foi enviada para Myrza Nebó Jambor que respondeu com uma carta da qual transcrevo o trecho que comenta sua impressão da visita dos alunos e da professora Roselle ao Centro e a importância que ela dá a encontros como esse.

“A Paula me enviou o e-mail de sua entrevista com a Profa. Roselle. E me disse que eu teria a liberdade de ler e dar minha opinião [...] Achei ótimas as perguntas, como também as respostas. Creio apenas que deveria ser frisado o aspecto do ‘preconceito’ dos alunos de psicologia para interagir com os frequentadores do Centro de Convivência. Senti isto durante o lanche da tarde. Não é uma crítica aos alunos, mas uma constatação. Desconheço se durante os estágios dos universitários, eles apenas assistem ou se exercem alguma atividade juntos. Acho fundamental, porém, que haja este intercâmbio.

Optando ou não pela prática com deficientes, o profissional da psicologia, a meu ver, deve ter uma bagagem empírica com pessoas portadoras de necessidades especiais. Isto facilitaria a inclusão social sobremaneira. Eles seriam uma ‘ponte’ de excelente cunho e um veículo importante de divulgação dos trabalhos atuais realizados com os deficientes, para todos os psicólogos [...]

Quem sabe, Doutora, se através de seus contatos, não seria possível realizarmos ‘Workshops’ deste gênero em outras Universidades. Isto ampliaria a disciplina e abriria caminhos para novos estudos e novas chances para esta população que tem sido tão esquecida por todos.

Lembro que estou sempre à sua inteira disposição para qualquer trabalho que venha favorecer e trazer bons frutos a quem quer que necessite.”

A experiência e a proposta de Myrza trazem aos meus ouvidos as vozes de Harlene Anderson e Harry Goolishian (1992): “O cliente é o especialista.”

## REFERÊNCIAS

- Anderson, H., & Goolishian, H.** (1992). O cliente é o especialista. In: S. McNamee & K. Gergen. *Terapia como construção social*. (trad. Cláudia Oliveira Dornelles.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nebó e Jambor, M.** (1999). *Marcela...: uma lição de amor!*. São Paulo: Memnon.
- Teixeira, A. M.** (2010). *Vida revirada: o acontecer humano diante da deficiência adquirida na idade adulta*. Curitiba: Juruá.